

Brasil e FMI: pontos em comum.

Uma missão brasileira está voltando de seus primeiros contatos de três dias com o FMI, hoje à noite, com a certeza de que tem muito trabalho para fazer antes de um acordo, no Brasil para reduzir o déficit público, e de que deixou um recado muito claro em Washington: "O programa é nosso, e será feito com ou sem o FMI".

Um programa independente, mas com o FMI, "será bem melhor", como reconheceu uma fonte brasileira, porque "isto facilitaria, aportaria recursos e serviria de aval — um aval que não é desprezível para as negociações com o Clube de Paris e para a normalização das relações com a comunidade financeira".

Uma missão do FMI deverá visitar o Brasil até o final de março. "Deu para sentir uma disposição muito grande, da parte de seus técnicos, de trabalhar para conseguir um programa viável, calcado em metas realistas."

Os técnicos brasileiros e os do FMI concordaram que "o principal problema a ser atacado agora é o das necessidades de financiamento do setor público. Sem este equacionamento, será muito difícil estabilizar a economia brasileira". Hoje, na última sessão, o tema será política monetária.

"O corte do déficit pode acontecer por duas maneiras distintas, ou por uma combinação delas", explicou um dos técnicos brasileiros. "Na realidade, existe uma infinidade de maneiras de fazer um corte no déficit, combinando elevação de receita com redução de despesas. No entanto, e nisso estamos de acordo, a nível técnico, nós e o Fundo, seria muito difícil obter ganhos substanciais do lado da receita. Estamos falando do ano de 88."

A folha de pagamentos foi mencionada, mas a fonte negou cortes, dizendo que o importante, "é não aumentá-la". Na área das estatais, teriam que ser reexaminados os investimentos mínimos necessários para que a infraestrutura do País não sofra, "e a partir daí partir para a quantificação".

"O governo estaria disposto a rever a política salarial", perguntou um repórter.

"Não, estamos examinando que tipo de medidas poderiam ser tomadas para conter a expansão... (da folha de pagamento do funcionalismo público federal)", respondeu o técnico. Sua condução, passada ao FMI, é de que não se pode financiar o déficit via inflação, que "é a pior maneira".

A missão brasileira volta hoje para correr atrás de um programa antes que seja visitada, em Brasília, pelos técnicos do Fundo. Estiveram em Washington, para os primeiros contatos, o secretário adjunto do Ministério da Fazenda, Mikal Gartenkrautz; o chefe do Departamento Econômico do Banco Central, Sílvio Rodrigues; o secretário de Assuntos Econômicos da Seplan, Raul Vagner dos Reis Veloso; o coordenador de Assuntos Macroeconômicos do Iplan, João do Carmo Oliveira; e o assessor especial do Ministério da Fazenda, Raimundo Moreira.

**Moisés Rabinovici,
de Washington**